

## A COMPLEXIDADE E OS DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO E DO LETRAMENTO NA ESCOLA ATUAL

Daiana Verônica de Souza Paul<sup>1</sup>

Rafaela Thums Ebeling<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo discute os desafios e as perspectivas da alfabetização e do letramento na educação básica brasileira, defendendo que ambos os processos ultrapassam o simples domínio do código escrito e devem ser compreendidos como práticas sociais que contribuem para a formação crítica e cidadã dos estudantes. Com base em autores como Magda Soares, Paulo Freire e Emilia Ferreiro, destaca-se que alfabetizar e letrar são ações interdependentes, que precisam ocorrer de forma integrada para garantir aprendizagens significativas. A BNCC (2017) orienta uma alfabetização contextualizada, pautada no uso real da leitura e da escrita e na valorização dos gêneros textuais. Entretanto, sua implementação enfrenta entraves relacionados à falta de formação adequada e valorização dos professores, além das desigualdades estruturais presentes nas escolas brasileiras. Esses fatores dificultam a adoção de práticas pedagógicas inovadoras e comprometidas com a diversidade dos estudantes. O texto também aponta a importância de metodologias ativas, do trabalho com diferentes gêneros textuais e da incorporação do lúdico no processo de aprendizagem. Outro aspecto central é o papel crescente das tecnologias digitais, que introduzem novas formas de ler, escrever e interagir. O letramento digital, nesse cenário, torna-se indispensável para a formação de sujeitos críticos, autônomos e capazes de atuar de forma consciente no ambiente virtual. Conclui-se que superar os desafios da alfabetização e do letramento exige políticas públicas consistentes, investimento na formação docente e práticas pedagógicas significativas. Alfabetizar e letrar, portanto, é promover uma educação verdadeiramente emancipadora e transformadora.

---

**Palavras-chave:** alfabetização; letramento; BNCC; formação docente; tecnologias digitais.1

### 1. Introdução.

A alfabetização e o letramento são assuntos muito importantes quando se fala sobre a qualidade da educação básica no Brasil. Mais do que apenas aprender a ler e escrever, é essencial compreender que a linguagem é uma ferramenta de comunicação, de convivência social e de liberdade e desenvolvimento humano.

De acordo com a BNCC (BRASIL, 2017), a alfabetização deve ser entendida como o processo pelo qual a criança aprende o sistema de escrita alfabética, ou seja, compreende como as letras representam os sons da fala. Já

<sup>1</sup> Acadêmica de Pedagogia UCEFF

<sup>2</sup> Professora de Pedagogia UCEFF - rafaela.ebeling@uceff.edu.br

o letramento está ligado ao uso da leitura e da escrita nas situações do dia a dia, mostrando como essas habilidades ajudam as pessoas a participarem ativamente da sociedade.

Mesmo com avanços nas leis e nas pesquisas sobre o tema, o Brasil ainda enfrenta grandes desafios nessa área. Dados do INEP e de avaliações nacionais, como a ANA (Avaliação Nacional da Alfabetização), mostram que muitas crianças continuam tendo dificuldades para ler e escrever, especialmente nos primeiros anos do ensino fundamental. Esses resultados indicam que as políticas públicas nem sempre conseguem responder às diferenças entre as escolas e às necessidades de formação dos professores.

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar, de forma teórica, os desafios atuais da alfabetização e do letramento, ressaltando suas implicações pedagógicas e sociais. Incluindo as desigualdades e a misogênia cultural, que hoje o país está repleto.

## 2. Fundamentação teórica

### 2.1 Concepções de alfabetização e letramento

As discussões sobre alfabetização e letramento ganharam grande relevância nas últimas décadas, especialmente diante da necessidade de compreender o papel social da leitura e da escrita na formação do sujeito. De acordo com Magda Soares (2003), alfabetização e letramento são processos distintos, mas inseparáveis. A autora explica que alfabetizar significa ensinar o sistema de escrita alfabética, ou seja, compreender as relações entre fonemas (sons da fala) e grafemas (letras). Já o letramento está relacionado ao uso efetivo da leitura e da escrita nas práticas sociais, como ler um jornal, preencher um formulário ou escrever uma mensagem.

Soares (2003) destaca que, para uma aprendizagem significativa, ambos

<sup>1</sup> Acadêmica de Pedagogia UCEFF

<sup>2</sup> Professora de Pedagogia UCEFF - [rafaela.ebeling@uceff.edu.br](mailto:rafaela.ebeling@uceff.edu.br)

## 16º SEMIC

Seminário de Iniciação Científica de Pedagogia. Edição 2025

Centro Universitário FAI-UCEFF, Itapiranga, Santa Catarina.

ISSN 2359-554X

os processos devem ocorrer de forma integrada. Isso significa que o ensino da escrita não pode se limitar à decodificação de letras e palavras, mas deve permitir que o aluno entenda o sentido e a função da linguagem escrita em seu cotidiano. Assim, a alfabetização e o letramento se complementam, formando uma base sólida para o desenvolvimento da competência comunicativa e crítica dos estudantes.

Nessa mesma linha de valorização da construção ativa do conhecimento, Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1986) trouxeram uma contribuição decisiva ao repensar o modo como se compreende o processo de alfabetização. As autoras, a partir da teoria psicogenética, demonstraram que a criança não é um ser passivo que apenas memoriza letras e sílabas, mas um sujeito que elabora hipóteses sobre o funcionamento da escrita. Essa concepção transformou a prática pedagógica ao colocar o aluno como protagonista de sua aprendizagem, respeitando seu ritmo, suas descobertas e seu processo de reflexão sobre a língua. A perspectiva psicogênica, portanto, rompe com o modelo tradicional, baseado na repetição e na cópia, e propõe um ensino que valoriza a construção de sentido e a autonomia intelectual da criança.

Paulo Freire (1987), por outro lado, oferece uma abordagem crítica e humanizadora da alfabetização. Para o autor, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, o que significa que a alfabetização deve partir da realidade do educando e de suas experiências de vida. Freire defende que alfabetizar é muito mais do que ensinar o código escrito é promover a conscientização, o pensamento crítico e a capacidade de transformar a realidade social. Assim, o ato de aprender a ler e escrever se torna um ato político e libertador, pois dá ao sujeito as ferramentas necessárias para compreender o mundo e agir sobre ele de maneira autônoma e reflexiva.

Tfouni (1995) amplia ainda mais o conceito de letramento ao compreender que ele ultrapassa os limites da escola. Para a autora, o letramento é um fenômeno social que se manifesta nas diversas formas de comunicação e

<sup>1</sup> Acadêmica de Pedagogia UCEFF

<sup>2</sup> Professora de Pedagogia UCEFF - [rafaela.ebeling@uceff.edu.br](mailto:rafaela.ebeling@uceff.edu.br)

## **16º SEMIC**

**Seminário de Iniciação Científica de Pedagogia. Edição 2025**

**Centro Universitário FAI-UCEFF, Itapiranga, Santa Catarina.**

**ISSN 2359-554X**

práticas culturais presentes em diferentes contextos. Isso significa que uma pessoa pode ser letrada mesmo sem ter passado por processos formais de

<sup>1</sup> Acadêmica de Pedagogia UCEFF

<sup>2</sup> Professora de Pedagogia UCEFF - [rafaela.ebeling@uceff.edu.br](mailto:rafaela.ebeling@uceff.edu.br)

escolarização, desde que participe de situações em que a leitura e a escrita tenham função social. Essa perspectiva contribui para uma visão mais ampla e inclusiva, reconhecendo a diversidade de saberes e de experiências que compõem o universo da linguagem.

Dessa forma, pode-se compreender que a alfabetização e o letramento não se restringem ao espaço escolar, mas fazem parte de um processo contínuo e social, no qual o indivíduo se apropria da linguagem escrita para se expressar, se comunicar e exercer plenamente sua cidadania.

## 2.2 A alfabetização na BNCC

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017) estabelece que a alfabetização deve acontecer preferencialmente até o final do 2º ano do ensino fundamental, respeitando as etapas de desenvolvimento e o ritmo de aprendizagem de cada criança. O documento entende que a alfabetização é um processo contínuo e complexo, que envolve não apenas o domínio do sistema de escrita alfabética, mas também o desenvolvimento da compreensão leitora e da produção de textos com sentido.

De acordo com a BNCC, alfabetizar é mais do que ensinar o código escrito; é proporcionar experiências significativas de leitura e escrita em situações reais de comunicação. Assim, o texto destaca a necessidade de integrar a alfabetização ao letramento, garantindo que o aprendizado da escrita esteja sempre associado a práticas sociais que deem sentido ao que se aprende. A leitura de diferentes gêneros textuais literários, jornalísticos, instrucionais, entre outros e a produção de textos variados são práticas centrais para que o aluno compreenda o papel social da linguagem e desenvolva autonomia como leitor e escritor.

Além disso, a BNCC reforça a importância de um trabalho pedagógico interdisciplinar, no qual a alfabetização esteja presente em todas as áreas do

<sup>1</sup> Acadêmica de Pedagogia UCEFF

<sup>2</sup> Professora de Pedagogia UCEFF - [rafaela.ebeling@uceff.edu.br](mailto:rafaela.ebeling@uceff.edu.br)

conhecimento. A leitura e a escrita são apresentadas como ferramentas essenciais para o acesso ao saber, o desenvolvimento do pensamento crítico e a formação integral do estudante. Nesse sentido, o documento propõe que o processo de alfabetização seja entendido como uma construção coletiva, que envolva professores, gestores, famílias e a comunidade escolar.

Contudo, apesar das orientações da BNCC representarem um avanço conceitual importante, sua implementação ainda enfrenta desafios significativos. A formação inicial e continuada dos professores é um dos principais obstáculos, pois muitos docentes não dispõem de apoio pedagógico ou de recursos didáticos adequados para colocar em prática as propostas do documento. Além disso, as desigualdades estruturais entre as escolas brasileiras como falta de materiais, turmas superlotadas e baixos investimentos em infraestrutura dificultam a efetivação de uma alfabetização de qualidade para todos os estudantes.

Segundo Soares (2020), qualquer política de alfabetização deve considerar a diversidade cultural, linguística e regional do Brasil. A autora alerta para o risco de adoção de modelos padronizados e prescritivos que desconsideram as particularidades dos contextos escolares. Para ela, a alfabetização precisa ser vista como um processo social e dinâmico, que reconhece as múltiplas formas de linguagem presentes na sociedade e valoriza as experiências e saberes dos alunos. Assim, a BNCC, embora constitua um importante marco regulatório e orientador, deve ser interpretada com flexibilidade e criticidade, de modo a respeitar as realidades locais e as necessidades específicas de cada comunidade escolar.

Dessa forma, compreender a alfabetização a partir da BNCC implica reconhecer que sua efetivação depende não apenas das orientações curriculares, mas também do compromisso político, pedagógico e social de todos os envolvidos no processo educativo.

<sup>1</sup> Acadêmica de Pedagogia UCEFF

<sup>2</sup> Professora de Pedagogia UCEFF - [rafaela.ebeling@uceff.edu.br](mailto:rafaela.ebeling@uceff.edu.br)

## 3. Desafios contemporâneos da alfabetização e do letramento

### 3.1 Formação e valorização docente

Entre os principais desafios enfrentados pela educação brasileira no campo da alfabetização e do letramento está a formação e a valorização dos professores alfabetizadores. A qualidade do processo de alfabetização depende diretamente do preparo teórico, metodológico e humano desses profissionais, que são mediadores essenciais entre o conhecimento e o aluno. No entanto, muitos professores chegam à sala de aula sem uma formação sólida sobre as concepções atuais de alfabetização e sem domínio de práticas pedagógicas que considerem a diversidade de ritmos, culturas e experiências das crianças.

A formação inicial, em muitos cursos de pedagogia, ainda é marcada por abordagens fragmentadas e pouco articuladas com a realidade escolar. Muitas vezes, o futuro professor não vivencia práticas que o preparem para lidar com as hipóteses de escrita descritas por Ferreiro e Teberosky (1986), nem com as demandas contemporâneas do letramento digital, que exige o uso de novas linguagens e tecnologias na construção do conhecimento. Como destaca Soares (2020), o educador precisa compreender que alfabetizar e letrar são processos interligados e que o ensino da escrita deve ocorrer em contextos significativos, capazes de dar sentido ao aprendizado.

Nesse sentido, Paulo Freire (1987) reforça que o educador deve atuar como um mediador crítico, alguém que não apenas transmite conteúdos, mas que ajuda o aluno a refletir sobre o mundo e a construir autonomia intelectual. Para o autor, o professor alfabetizador é um sujeito político, que ensina a “ler o mundo” antes de “ler a palavra”, promovendo uma educação libertadora e transformadora. Essa visão coloca em evidência a necessidade de uma formação docente que valorize o diálogo, a reflexão e a consciência crítica, em vez de práticas mecânicas e descontextualizadas.

<sup>1</sup> Acadêmica de Pedagogia UCEFF

<sup>2</sup> Professora de Pedagogia UCEFF - [rafaela.ebeling@uceff.edu.br](mailto:rafaela.ebeling@uceff.edu.br)

Além da formação, a valorização profissional é outro aspecto crucial. A precarização das condições de trabalho, os baixos salários, a ausência de tempo destinado ao planejamento pedagógico e a sobrecarga de tarefas administrativas têm impacto direto na qualidade do ensino e na motivação dos educadores. Sem reconhecimento social e apoio institucional, torna-se difícil garantir uma prática pedagógica inovadora e comprometida com o desenvolvimento integral dos alunos.

A formação continuada, portanto, deve ser vista como um direito e uma necessidade permanente do professor. Ela deve possibilitar momentos de estudo, troca de experiências e reflexão sobre a prática, de forma a fortalecer o conhecimento teórico e a autonomia profissional. De acordo com Nóvoa (1992), o desenvolvimento docente ocorre quando o professor se reconhece como sujeito de sua própria formação, construindo saberes a partir da experiência e do diálogo com seus pares. Assim, investir na formação e na valorização docente significa investir na qualidade da educação e no futuro da alfabetização no país.

Dessa forma, enfrentar os desafios da alfabetização e do letramento contemporâneos requer uma política educacional que reconheça o papel central do professor, garantindo formação consistente, condições dignas de trabalho e valorização profissional. Somente com educadores bem formados, críticos e motivados será possível promover uma alfabetização verdadeiramente emancipadora e transformadora.

## 3.2 Práticas pedagógicas e metodologias

Outro desafio central no processo de alfabetização e letramento diz respeito à necessidade de repensar as práticas pedagógicas e metodologias utilizadas em sala de aula. Apesar dos avanços teóricos e das orientações curriculares, muitas escolas ainda mantêm práticas tradicionais, baseadas na memorização de sílabas, na repetição mecânica de exercícios e no uso

<sup>1</sup> Acadêmica de Pedagogia UCEFF

<sup>2</sup> Professora de Pedagogia UCEFF - [rafaela.ebeling@uceff.edu.br](mailto:rafaela.ebeling@uceff.edu.br)

## **16º SEMIC**

**Seminário de Iniciação Científica de Pedagogia. Edição 2025**

**Centro Universitário FAI-UCEFF, Itapiranga, Santa Catarina.**

**ISSN 2359-554X**

excessivo de cartilhas. Esses métodos, centrados na decodificação,

<sup>1</sup> Acadêmica de Pedagogia UCEFF

<sup>2</sup> Professora de Pedagogia UCEFF - [rafaela.ebeling@uceff.edu.br](mailto:rafaela.ebeling@uceff.edu.br)

desconsideram o papel ativo da criança na construção do conhecimento e acabam tornando o aprendizado pouco significativo.

Conforme defende Ferreiro (1999), a alfabetização deve acontecer em contextos reais de comunicação, nos quais a criança perceba que a escrita tem uma função social e serve para interagir com o mundo. Nessa perspectiva construtivista, o aluno é visto como sujeito do processo de aprendizagem, alguém que formula hipóteses sobre o funcionamento do sistema de escrita e testa suas descobertas na interação com textos e práticas sociais. Assim, o papel do professor é criar situações desafiadoras e significativas, mediando o contato do estudante com a leitura e a escrita de forma contextualizada e prazerosa.

A prática pedagógica contemporânea deve, portanto, articular teoria e prática, promovendo experiências que integrem o conhecimento linguístico, cultural e social. A leitura e a escrita precisam ser exploradas em situações autênticas, como a produção de bilhetes, histórias, listas, receitas, notícias ou convites, permitindo que a criança compreenda a utilidade e a função social da linguagem. Soares (2020) reforça que alfabetizar letrando significa ensinar o código escrito sem separar sua função comunicativa, ou seja, garantir que o aluno aprenda a ler e escrever dentro de um contexto de uso real e significativo.

O trabalho com diferentes gêneros textuais tem se mostrado uma estratégia eficiente para desenvolver a competência leitora e escritora dos estudantes. Ao entrar em contato com variados tipos de textos literários, jornalísticos, instrucionais e digitais, o aluno amplia seu repertório cultural, compreende diferentes formas de organização textual e desenvolve habilidades interpretativas mais complexas. Além disso, o uso de projetos interdisciplinares, que integrem a alfabetização com outras áreas do conhecimento, contribui para tornar o aprendizado mais dinâmico, crítico e contextualizado.

Outro aspecto importante diz respeito à ludicidade no processo de alfabetização. As atividades lúdicas, quando planejadas de forma intencional,

<sup>1</sup> Acadêmica de Pedagogia UCEFF

<sup>2</sup> Professora de Pedagogia UCEFF - [rafaela.ebeling@uceff.edu.br](mailto:rafaela.ebeling@uceff.edu.br)

estimulam a curiosidade, a criatividade e o envolvimento das crianças nas práticas de leitura e escrita. Jogos de palavras, dramatizações, músicas, histórias e brincadeiras com sons e letras favorecem o desenvolvimento da consciência fonológica e a construção do conhecimento linguístico de maneira prazerosa e significativa.

Além disso, o contexto atual exige que as metodologias considerem o letramento digital, que se tornou parte da realidade das novas gerações. O uso pedagógico de tecnologias, como tablets, computadores e recursos multimodais, amplia as possibilidades de interação e permite o contato com diferentes linguagens e suportes textuais. Segundo Rojo (2012), o letramento digital não substitui o tradicional, mas o amplia, exigindo novas habilidades de leitura, escrita e interpretação em ambientes digitais.

Assim, o desafio das práticas pedagógicas na alfabetização não está apenas em escolher um método, mas em construir metodologias integradas, contextualizadas e inclusivas, que reconheçam o aluno como protagonista de sua aprendizagem. O professor deve atuar como mediador entre o saber escolar e a realidade do estudante, promovendo um ensino que una o prazer de aprender com a construção crítica e significativa do conhecimento.

### **3.4 Tecnologias digitais e novos letramentos**

O avanço das tecnologias digitais nas últimas décadas transformou profundamente as formas de comunicação, de aprendizagem e de interação social. No contexto escolar, essas mudanças trouxeram novos desafios e possibilidades para o processo de alfabetização e letramento, dando origem ao que se convencionou chamar de “novos letramentos” ou “letramentos digitais”. De acordo com Rojo (2012), a alfabetização digital é um componente essencial da formação cidadã no século XXI, pois permite que o sujeito participe ativamente de práticas sociais mediadas pelas tecnologias da informação e da

<sup>1</sup> Acadêmica de Pedagogia UCEFF

<sup>2</sup> Professora de Pedagogia UCEFF - [rafaela.ebeling@uceff.edu.br](mailto:rafaela.ebeling@uceff.edu.br)

## **16º SEMIC**

**Seminário de Iniciação Científica de Pedagogia. Edição 2025**  
**Centro Universitário FAI-UCEFF, Itapiranga, Santa Catarina.**  
**ISSN 2359-554X**

comunicação.

<sup>1</sup> Acadêmica de Pedagogia UCEFF

<sup>2</sup> Professora de Pedagogia UCEFF - [rafaela.ebeling@uceff.edu.br](mailto:rafaela.ebeling@uceff.edu.br)

## 16º SEMIC

Seminário de Iniciação Científica de Pedagogia. Edição 2025  
Centro Universitário FAI-UCEFF, Itapiranga, Santa Catarina.  
ISSN 2359-554X

Esses novos letramentos envolvem o domínio de múltiplas linguagens verbal, visual, sonora e multimodal, que se combinam em diferentes suportes digitais, como redes sociais, blogs, vídeos, podcasts, jogos e plataformas educacionais. Assim, ser letrado no mundo digital não significa apenas saber utilizar ferramentas tecnológicas, mas compreender criticamente as mensagens, produzir conteúdo e agir de forma ética e responsável no ambiente virtual. Nesse sentido, o papel da escola é fundamental para orientar os estudantes no uso consciente e produtivo dessas tecnologias, formando cidadãos críticos e autônomos diante da grande quantidade de informações disponíveis.

Entretanto, o uso pedagógico das tecnologias digitais ainda é limitado em muitas instituições de ensino. A falta de infraestrutura, o acesso restrito à internet e a ausência de formação específica para os professores dificultam a integração das ferramentas digitais ao currículo. Muitos docentes, por não terem recebido preparo adequado em sua formação inicial ou continuada, acabam utilizando as tecnologias apenas como apoio visual ou recreativo, sem explorar seu potencial para o desenvolvimento de práticas de leitura, escrita e produção de conhecimento.

Como aponta Soares (2020), a alfabetização e o letramento precisam se adaptar às novas demandas sociais, incorporando as diferentes formas de linguagem e expressão que compõem a cultura digital. Essa incorporação, contudo, deve ocorrer de forma crítica e reflexiva, evitando o uso meramente instrumental das tecnologias. O desafio é transformar os recursos digitais em ferramentas pedagógicas significativas, capazes de ampliar as possibilidades de aprendizagem e de fortalecer o protagonismo dos alunos.

Para que isso aconteça, é necessário que o professor atue como mediador e orientador das práticas digitais, incentivando a leitura e a produção de textos em ambientes virtuais, o trabalho colaborativo e a pesquisa on-line. Rojo e Moura (2012) ressaltam que os novos letramentos exigem uma postura

<sup>1</sup> Acadêmica de Pedagogia UCEFF

<sup>2</sup> Professora de Pedagogia UCEFF - [rafaela.ebeling@uceff.edu.br](mailto:rafaela.ebeling@uceff.edu.br)

## **16º SEMIC**

**Seminário de Iniciação Científica de Pedagogia. Edição 2025**

**Centro Universitário FAI-UCEFF, Itapiranga, Santa Catarina.**

**ISSN 2359-554X**

ativa do estudante, que deixa de ser apenas consumidor de informações para se

<sup>1</sup> Acadêmica de Pedagogia UCEFF

<sup>2</sup> Professora de Pedagogia UCEFF - [rafaela.ebeling@uceff.edu.br](mailto:rafaela.ebeling@uceff.edu.br)

tornar também produtor de sentidos e de conhecimento. Essa perspectiva reforça a importância de desenvolver, na escola, competências ligadas à comunicação digital, à análise crítica das mídias e à ética no uso das informações.

Dessa forma, as tecnologias digitais, quando integradas de maneira planejada e significativa ao processo de ensino-aprendizagem, podem potencializar as práticas de alfabetização e letramento, tornando-as mais dinâmicas, interativas e conectadas à realidade dos alunos. Promover os novos letramentos significa preparar o estudante para compreender e atuar no mundo contemporâneo um mundo cada vez mais mediado por textos, imagens e sons que circulam em diferentes plataformas e linguagens.

### **3.5 Desigualdade, miscigenação cultural e impactos na alfabetização e no letramento**

A história brasileira, marcada pela miscigenação entre povos indígenas, africanos e europeus, e hoje países como Venezuela, criou a ideia de uma identidade nacional diversa. No entanto, essa miscigenação ocorreu em um contexto de desigualdade e violência, e não em condições de igualdade. Assim, populações negras, indígenas e de baixa renda foram historicamente excluídas do acesso à educação, e esses efeitos ainda se refletem nos processos de alfabetização e letramento.

Na prática escolar, muitas crianças chegam com repertórios culturais distintos, formas próprias de falar, narrar, interpretar e se relacionar com a linguagem. Entretanto, a escola tende a adotar um modelo único e eurocêntrico de letramento, que nem sempre reconhece ou valoriza essa diversidade. Esse descompasso pode gerar dificuldades não por falta de capacidade dos alunos, mas porque seus conhecimentos e vivências não são considerados no processo de alfabetização. Bourdieu descreve esse fenômeno como “violência simbólica”,

<sup>1</sup> Acadêmica de Pedagogia UCEFF

<sup>2</sup> Professora de Pedagogia UCEFF - [rafaela.ebeling@uceff.edu.br](mailto:rafaela.ebeling@uceff.edu.br)

## **16º SEMIC**

**Seminário de Iniciação Científica de Pedagogia. Edição 2025**

**Centro Universitário FAI-UCEFF, Itapiranga, Santa Catarina.**

**ISSN 2359-554X**

quando a escola privilegia uma cultura dominante e deslegitima outras.

<sup>1</sup> Acadêmica de Pedagogia UCEFF

<sup>2</sup> Professora de Pedagogia UCEFF - [rafaela.ebeling@uceff.edu.br](mailto:rafaela.ebeling@uceff.edu.br)

Somada a isso, a desigualdade econômica limita o acesso a livros, tecnologias e práticas de leitura fora da escola, criando barreiras adicionais para o desenvolvimento do letramento. Como afirmam Soares (2003) e Kleiman (2007), alfabetizar não é apenas ensinar o código escrito, mas inserir o aluno em práticas sociais de leitura e escrita, algo dificultado quando a diversidade cultural e as desigualdades estruturais não são contempladas.

Assim, compreender o impacto da miscigenação e da desigualdade é fundamental para promover práticas de alfabetização mais inclusivas, que valorizem os diferentes repertórios culturais e rompam com a reprodução das desigualdades históricas.

#### **4. Considerações Finais**

A alfabetização e o letramento constituem pilares fundamentais para a formação integral do indivíduo e para o exercício pleno da cidadania. Com base nas reflexões apresentadas, é possível compreender que esses processos vão muito além do simples domínio do código escrito: trata-se de práticas sociais, culturais e políticas que permitem ao sujeito compreender o mundo, interagir criticamente com ele e transformá-lo. Nesse sentido, autores como Magda Soares (2003; 2020), Paulo Freire (1987), Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1986) e Tfouni (1995) oferecem contribuições essenciais para uma visão ampliada e humanizadora da alfabetização, enfatizando sua dimensão social, crítica e emancipadora.

Nesse contexto, é necessário reconhecer também que as desigualdades sociais, raciais e culturais, discutidas, exercem influência direta nos processos de alfabetização e letramento. A história brasileira marcada pela miscigenação, mas também pela exclusão e desigualdade, repercute no acesso aos bens culturais, no reconhecimento dos repertórios trazidos pelos alunos e nas oportunidades efetivas de participação nas práticas de leitura e escrita. Assim, considerar a diversidade cultural e enfrentar a desigualdade estrutural tornam-

<sup>1</sup> Acadêmica de Pedagogia UCEFF

<sup>2</sup> Professora de Pedagogia UCEFF - [rafaela.ebeling@uceff.edu.br](mailto:rafaela.ebeling@uceff.edu.br)

se elementos imprescindíveis para que a escola cumpra seu papel de promover uma educação equitativa, significativa e democrática.

A partir dessa perspectiva, observa-se que alfabetizar e letrar são ações interdependentes, que devem ser desenvolvidas de forma integrada e contextualizada. O ensino da leitura e da escrita precisa partir de situações reais de comunicação, que façam sentido para o aluno e o ajudem a perceber o valor social da linguagem. A escola, portanto, deve ser um espaço de experiências significativas, no qual o aluno possa construir conhecimento, expressar-se, refletir e desenvolver autonomia intelectual.

Entretanto, os desafios que envolvem a alfabetização e o letramento no Brasil ainda são grandes. As desigualdades sociais e estruturais, a carência de formação adequada dos professores e a falta de valorização da carreira docente continuam impactando diretamente a qualidade da educação. Como apontam Nóvoa (1992) e Soares (2020), investir na formação inicial e continuada dos professores é essencial para garantir práticas pedagógicas críticas, inovadoras e inclusivas. O educador é o mediador desse processo e precisa estar preparado para lidar com as diversas realidades, ritmos e culturas presentes na sala de aula.

Outro ponto crucial é a necessidade de repensar as metodologias e as práticas pedagógicas, de modo que a alfabetização não se restrinja a métodos tradicionais e mecânicos, mas promova aprendizagens contextualizadas, prazerosas e significativas. O trabalho com diferentes gêneros textuais, o uso de projetos interdisciplinares e a valorização da ludicidade são estratégias que tornam o processo mais dinâmico e estimulante.

Por fim, o cenário contemporâneo exige que a escola incorpore as tecnologias digitais e promova os chamados novos letramentos, conforme discutido por Rojo (2012) e Rojo e Moura (2012). O domínio das linguagens digitais e multimodais é hoje uma competência indispensável para a participação

<sup>1</sup> Acadêmica de Pedagogia UCEFF

<sup>2</sup> Professora de Pedagogia UCEFF - [rafaela.ebeling@uceff.edu.br](mailto:rafaela.ebeling@uceff.edu.br)

# 16º SEMIC

Seminário de Iniciação Científica de Pedagogia. Edição 2025  
Centro Universitário FAI-UCEFF, Itapiranga, Santa Catarina.  
ISSN 2359-554X

social e profissional. No entanto, para que o uso das tecnologias tenha um papel transformador, é necessário que elas sejam integradas de forma crítica e pedagógica, não apenas como ferramentas de apoio, mas como meios de expressão, criação e construção de conhecimento.

Dessa forma, pode-se concluir que alfabetizar e letrar no século XXI é um desafio que envolve não apenas métodos e conteúdos, mas também compromisso ético, político e social. É formar sujeitos críticos, autônomos e conscientes de seu papel no mundo, capazes de ler e escrever não só palavras, mas também realidades. A superação dos desafios que persistem nessa área depende de políticas públicas consistentes, de investimentos na formação e valorização docente e de uma prática pedagógica que reconheça o aluno como protagonista do próprio aprendizado. Somente assim será possível avançar rumo a uma educação verdadeiramente emancipadora e democrática.

## Referências Bibliográficas

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1986.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1999.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1987.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. 1979.

KLEIMAN, Ângela. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**. 2007.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**. 1999.

<sup>1</sup> Acadêmica de Pedagogia UCEFF

<sup>2</sup> Professora de Pedagogia UCEFF - [rafaela.ebeling@uceff.edu.br](mailto:rafaela.ebeling@uceff.edu.br)

## 16º SEMIC

Seminário de Iniciação Científica de Pedagogia. Edição 2025  
Centro Universitário FAI-UCEFF, Itapiranga, Santa Catarina.  
ISSN 2359-554X

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 2003.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos**. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.

<sup>1</sup> Acadêmica de Pedagogia UCEFF

<sup>2</sup> Professora de Pedagogia UCEFF - [rafaela.ebeling@uceff.edu.br](mailto:rafaela.ebeling@uceff.edu.br)